

Eixo Temático:

1. Educação no Campo e Movimentos Sociais

Título

**EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA DOS SEM TERRINHA NO
MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA
(MST)**

Autora

Liene Keite de Lira da Mata

Instituição

FFC- Unesp/Marília

Email:

lienekeite@yahoo.com.br

Palavras chave:

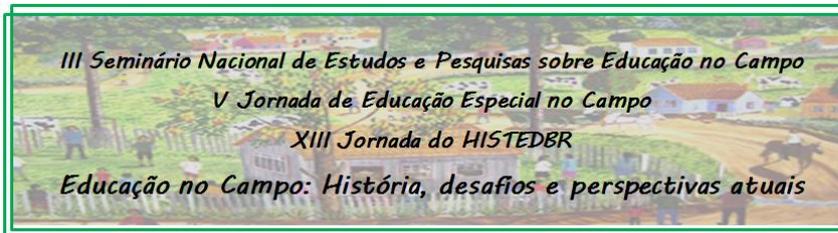
MST; Educação; Sem Terrinha e Formação Política.

Resumo

Este texto tem por objetivo apresentar parte da pesquisa concretizada em nível de mestrado abordando o tema da educação e organização política dos Sem Terrinha, para tanto investigamos: Quem são os Sem Terrinha? O que leva os sujeitos a identificarem-se como *Sem Terrinha*, um nome próprio representativo de uma identidade? Como os Sem Terrinha são engajados na luta social do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)? Para engajar os Sem Terrinha na luta social, o MST criou um quadro de mobilização com espaços e locais próprios para o público infantil, bem como meios de comunicação para divulgar o projeto do Movimento e mobilizá-los para a luta. Pesquisamos uma escola de acampamento, influenciada pelo Movimento e notamos que a escola faz parte do processo de formação política dos educandos que contribui para a identidade dos Sem Terrinha. O que apreendemos como mais valioso nesta pesquisa foi nossa própria aprendizagem com os Sem Terrinha e com o MST, que criou um espaço de educação mais ampla, com formação política, por meio das mobilizações as crianças apreendem seus direitos e discutem temas subjetivos tanto da vida como da luta e relações de poder.

Texto completo

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015

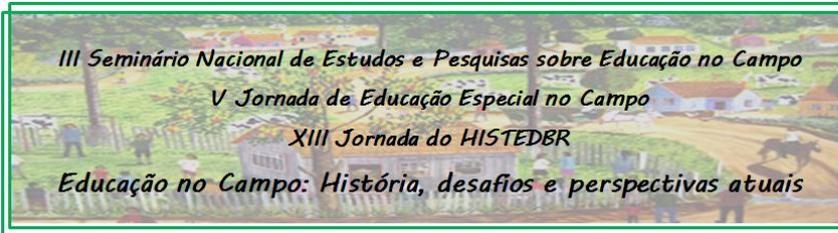


Por meio das ações vivida no MST ao longo dos anos constituiu-se uma identidade para os seus integrantes que passaram a ser *Sem Terra*, um nome próprio para identificar um sujeito social em formação. As crianças do Movimento começaram a ser identificadas com o nome próprio *Sem Terrinha*. Esse processo identitário dos *Sem Terrinha*, por meio da organização política no Movimento, levantou as questões chaves para esta pesquisa.

Entendemos por **identidade Sem Terra**, a capacidade do MST, rompendo com a leitura da falta de terra, e do fim da agricultura familiar, produzir uma identidade coletiva, que transformou a condição dos sujeitos de falta (sem-terra) para uma condição de lutadores do povo, por justiça social e dignidade para todos (Sem Terra) e que conscientemente cultivam princípios e valores e os transmitem para outras gerações (Sem Terrinha) (MST, 1999b, p.14 grifos do autor).

O MST como um Movimento de famílias do campo despertou o interesse de vários pesquisadores, portanto, existem múltiplos trabalhos realizados e outros sendo feitos a partir da experiência do MST. Tivemos a oportunidade de participar do projeto de pesquisa: “Concepções teórico-práticas de educação e trabalho no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”, desenvolvido por uma equipe de pesquisadores constituída por professores, pós-graduandos e alunos de graduação membros do grupo de pesquisa, Organizações e Democracia, com sede na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília. A pesquisa referendada é dividida por eixos de trabalho e conta com um coordenador com titulação mínima de doutor responsável pelo eixo. Do eixo Sem Terrinha e educação infantil, em particular foquei meu tema de pesquisa na formação política da criança do e no MST.

No Movimento as crianças são compreendidas como sujeitos ativos e críticos, e são consideradas capazes de atuar na luta e nas questões que dizem respeito à organização da sua própria vida. Por notar o diferencial dado à criança no Movimento, vista como um ser que tem sua própria vida e história de luta, surgiu nosso interesse na organização dos Sem Terrinha, conseqüentemente surgiu o objetivo específico de verificar a organização política dos Sem Terrinha no Movimento e os objetivos específicos de constatar os espaços, locais e agentes envolvidos na preparação e



organização das crianças no processo de formação política e participação na luta social, bem como de investigar, nos meios de comunicação construídos pelo Movimento ao público infanto-juvenil, indícios de formação e participação política dos Sem Terrinha e, também, verificar, na escola de influência do Movimento, a contribuição para a formação e participação política dos Sem Terrinha na luta social.

Espaços de Mobilização e Educação para os Sem Terrinha no Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra

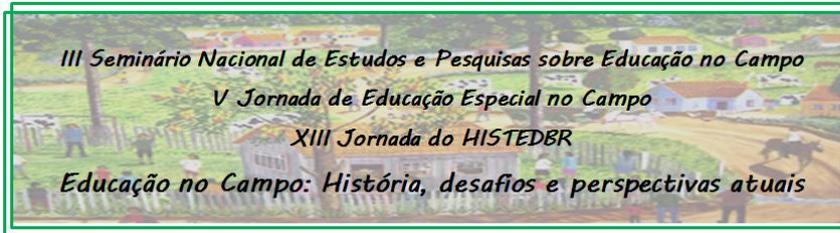
O MST afirma que procura estimular a criatividade de suas educandas e educandos para expressarem-se a partir da realidade de luta do povo. Criam meios para os Sem Terrinha mostrarem como pensam e se sentem nas mobilizações culturais que existem desde o primeiro Concurso Nacional de Literatura e Artes Plásticas, realizado em 1998 pelo Setor de Educação. Todas as edições dos Concursos tiveram temáticas sobre o momento debatido e vivenciado no MST e no país. O 1º Concurso Nacional aconteceu em 1998, realizou-se com o tema - *O Brasil que queremos*. Os participantes puderam expressar, por meio da redação e do desenho, suas compreensões frente à realidade do país. Selecionamos um trecho da redação de um Sem Terrinha participante do referido concurso que expressa a concepção da criança em relação às questões do país, demonstrando senso crítico e percepção da exclusão social.

Sou fruto da Reforma Agrária e quero um Brasil com pessoas livres, onde eu possa expressar meus sentimentos, minhas revoltas, meus sonhos... Um país onde eu possa continuar vivendo no campo. E nele tirar meu sustento, aproveitando as riquezas que a natureza oferece, e preservando o verde da esperança. Um Brasil com educação, onde nós crianças além de aprender a ler e escrever, plantar, preservar, brincar, sonhar... pudéssemos expressar o que nós sentimos, trabalhar na terra, praticar esportes, participar das decisões da educação.

Há tanta coisa que não entendo, tanta coisa que me assusta! Às vezes quero parecer grande, mas não dá. Por que tem tanta gente sem condições de viver, vítima da violência, da exploração de alguns?

Sonho com um Brasil verde - dos produtos por nós plantados; amarelo - das riquezas construídas por nós trabalhadores; azul - sem poluição; branco - da liberdade conquistada por nós trabalhadores do campo e da cidade (SOUZA, 1998).¹

¹Trecho da redação de Cleonir Jorge de Souza (9 anos, quarta série do ensino fundamental, Escola Cooperativa Construindo o Caminho, assentamento Conquista da Fronteira, em Dionísio Cerqueira, Santa



Observamos já no início da citação que a criança descreve-se como fruto da Reforma Agrária, *Sou fruto da reforma agrária*, expõe, assim, a principal bandeira de luta do Movimento - *Reforma Agrária*. Demonstra, ainda, com bastante clareza, sua consciência sobre a situação política do país e o desejo de um Brasil onde as pessoas sejam livres para expressarem sentimentos e realizarem sonhos, tais como, no seu caso, continuar vivendo no campo, tirar o sustento do trabalho na terra preservando a natureza, educação para as crianças - *Um Brasil com educação* -, para aprender a ler e escrever e ainda *plantar, preservar, brincar, sonhar...*

O Sem Terrinha em sua redação demonstra uma sensibilidade ao sofrimento alheio: *Por que tanta gente sem condição de viver, vítima da violência, da exploração de alguns?* Percebe as injustiças sociais e demonstra uma consciência de realidade social e política, observamos que há um processo de formação política sendo construído por meio das ações refletidas, organizadas e concretizadas com os Sem Terrinha. O Projeto do Movimento para o Sem Terrinha pode desencadear um processo pedagógico e humano singular e já tem realizado os sonhos de muitas crianças.

No Movimento elas tem a oportunidade de um processo de formação humana que as tornam capazes de terem uma outra concepção da vida, da pessoa humana. Nelas repousa uma capacidade de se indignar frente ao sofrimento de outras crianças, de rua e Sem Terra em São Paulo. Ao encontrá-las na rua uma criança Sem Terra ficou triste e convidou-as para irem morar no assentamento (MST, 1999a, p.21).

Os Sem Terrinha, pelo seu processo histórico e social de formação humana torna-se capaz de indignar-se frente ao sofrimento de outras crianças. Esse processo de formação humana se concretiza em meio a ações e espaços democráticos criados para reunir e mobilizar os Sem Terrinha no Movimento.

No processo de organização das crianças convergem-se vários esforços de mobilização desde as reuniões nos assentamentos e acampamentos até a realização dos encontros dos Sem Terrinha que reúnem as crianças no mesmo local, uma organização em escala de níveis maiores quando são encontros estaduais. Estes Encontros, segundo

Catarina) Em: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-03.phtml?ng=p&sc=1> Clicar em Composições das crianças. Acesso: 10/09/2014.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



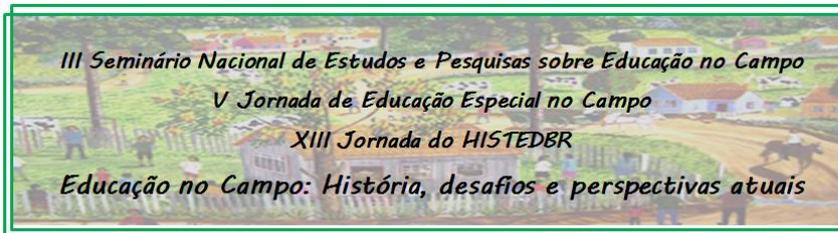
Rosseto (2009), são considerados atividades *políticoorganizativas* como parte do processo de organização das crianças dos acampamentos e assentamentos que reúne e mobiliza crianças Sem Terrinha,

[...] desde 1994, geralmente no mês de outubro, e corresponde à Semana da Criança. Esta atividade faz parte do processo de organização das crianças dos acampamentos e assentamentos do MST e é realizada nos estados em que o MST está organizado tendo uma abrangência regional ou estadual, dependendo das condições de cada Estado. A duração, em média, é de 3 a 4 dias. O número das crianças participantes no encontro também varia conforme o estado: há casos contabilizados de 150 ou, até mesmo, 700 crianças. O Estado do Pernambuco tem a experiência de ter realizado encontros com a participação de duas mil crianças. Em alguns Estados, os encontros têm caráter mais reivindicatório; em outros, de estudo, lazer e troca de experiências; em alguns, juntam-se o caráter da reivindicação ao estudo e lazer. Geralmente, o centro da reivindicação é a luta por escolas adequadas nos assentamentos e acampamentos. No Estado de São Paulo, ocorreram três encontros: o 1ª Encontro Estadual Infante Juvenil, nos dias 12, 13 e 14 de outubro de 1996, com 700 crianças. Foi neste encontro, na fase preparatória, que as crianças sem terra começaram a se identificar como Sem Terrinha, ou seja, começaram a assumir a identidade própria das crianças Sem Terra (ROSSETO, 2009, p.33-34).

O MST confirma, na organização das mobilizações infantis, o envolvimento e participação das crianças nas ações das diversas atividades desenvolvidas. Este Encontro conforme a citação tem uma estrutura organizativa que permite negociar e dividir as tarefas entre educadores (não necessariamente professores) e crianças, especialmente na preparação da mística, quando várias atividades são realizadas pelas próprias crianças, incluindo-se apresentações teatrais e gritos de ordem. Relata a autora que o centro da reivindicação dos Sem Terrinha é a luta pela melhoria das escolas. Afirma, ainda, que no 1º Encontro Estadual Infante Juvenil as crianças começaram a se identificar como crianças Sem Terra ou Sem Terrinha. Nesse sentido, Arenhart (2007) também relata sobre os encontros dos Sem Terrinha, ressaltando desde as ações que envolvem toda a família até as mobilizações dos próprios Sem Terrinha.

[...] na história do Movimento, a participação ativa das crianças também foi sendo construída. De serem filhos de sem-terra, conseguirem estudar numa escola que assumisse a Pedagogia do MST e fazerem parte das ações que envolvem a luta, até participarem de

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



espaços de mobilizações que lhes são próprios. Desde 1994, crianças de todo o país participam de encontros Sem Terrinha, ocasião em que se conhecem, trocam experiências, discutem sobre suas causas, planejam ações coletivas, cantam, brincam e reforçam sua identidade com o Movimento. Além disso, participam das ações do MST que envolvem toda a família e realizam suas próprias mobilizações. Elas também expressam seus sonhos em relação ao Brasil por meio de concursos de redações e desenhos promovidos pelo Movimento (ARENHART, 2007, p. 55).

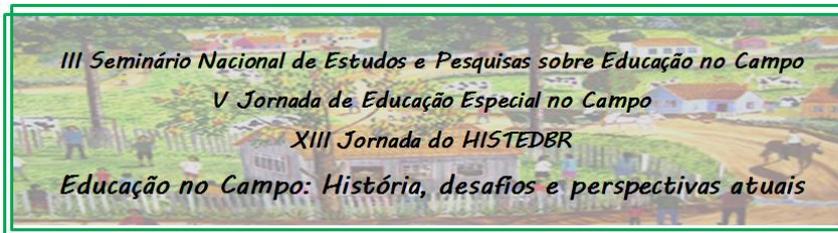
A organização do Encontro dos Sem Terrinha inicia-se com bastante antecedência, nos acampamentos e assentamentos com o levantamento de temas para as discussões que envolvem tanto a comunidade quanto as escolas, como nos mostra Rosseto (2009) que participou desse processo que iniciou-se:

[...] com as discussões nos assentamentos, envolvendo toda a comunidade assentada ou acampada e, se possível, as escolas. Desta maneira, foram realizados vários encontros em pequenos grupos. Para cada 10 crianças, formava-se um grupo. Nestes grupos, havia um coordenador e uma coordenadora das crianças. Nos mesmos, eram levantadas as demandas reais, as necessidades das crianças e da comunidade e o estudo do tema do encontro. Posteriormente, era elaborada a programação do encontro, a pauta de negociação e divididas as responsabilidades e as tarefas entre os educadores e as crianças. A preparação da mística geralmente envolve apresentações teatrais, recital de poemas, músicas, brincadeiras, noite cultural, palavras de ordem, símbolos – tais como camiseta, cartaz, bandeiras –; tudo isto é preparado com antecedência para o Encontro dos Sem Terrinha (ROSSETO, 2009, p. 35-36).

A escola de acampamento e assentamento é um instrumento que o Movimento busca usar no processo de organização das mobilizações dos Sem Terrinha. A escola pode fazer um trabalho anterior abordando as temáticas para a mobilização, pode contribuir durante o momento da mobilização e posteriormente com um trabalho dando continuidade às aprendizagens de organizações políticas vividas por meio das ações nas mobilizações. Para tanto, faz-se necessário um esforço da equipe e envolvimento do Movimento com a escola para que aconteça a participação dos educandos em eventos a partir da organização feita na escola.

Em decorrência destas ações voltadas para os Sem Terrinha em todo o mês de outubro, e especificamente no dia das crianças, os Sem Terrinha despontam com suas

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



manifestações atribuindo um significado maior a esta data quando participam da Jornada do MST. Segundo Maura Silva da página do MST a Jornada é um grande evento onde são organizadas atividades lúdicas, culturais e educacionais para as crianças, além das Cirandas fixas que estão nas escolas e nas cooperativas com rotinas de atividades e formação permanentes.

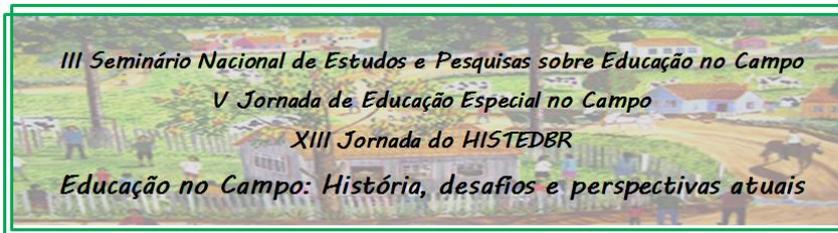
O nosso objetivo é acabar com a comercialização e materialização dessa data. Queremos mostrar que ser criança é mais do que ganhar um brinquedo, é trabalhar para que ela entenda e participe ativamente do meio em que vive e, com isso, fazê-la crescer de maneira saudável, respeitando o seu espaço e o seu entorno (SILVA, 2014).

Desse modo, a Jornada dos Sem Terrinha acontece anualmente nos 24 estados em que o MST está organizado. A partir da reivindicação em pauta, são realizadas marchas, encontros nas cidades e acampamentos, atos de solidariedade, e através de um tema que aborda as questões políticas da luta social, são organizadas oficinas, recreação, concursos, etc., para se alcançar alguns objetivos gerais de modo a contemplar as especificidades de cada local de acordo com sua realidade, quais sejam:

[...] realizar uma grande festa de socialização das experiências educativas e culturais das crianças, com isso valorizar a organização dos Sem Terrinha nos acampamentos e assentamentos e assim fortalecer a identidade Sem Terra. E ao mesmo tempo, os encontros têm como objetivo negociar com as autoridades locais e estaduais as demandas de escola, espaços de lazer para as crianças e infraestrutura geral nos assentamentos (RAMOS; CARDOSO, 2010).

Dessa forma, o evento valoriza e fortalece a identidade Sem Terrinha no Movimento. As crianças e adolescentes aprendem a expressar o que pensam e desejam. Aprendem, também, a apresentar suas reivindicações às autoridades, suas demandas sejam elas dos assentamentos ou escolas. Assim sendo, para a 13ª Jornada Nacional, os Sem Terrinha prepararam o material para a manifestação com dizeres e desenhos demonstrando a vida e a educação desejada, ou seja, os objetivos almejados pela manifestação para a melhoria e reconhecimento da reforma agrária e educação no campo.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015

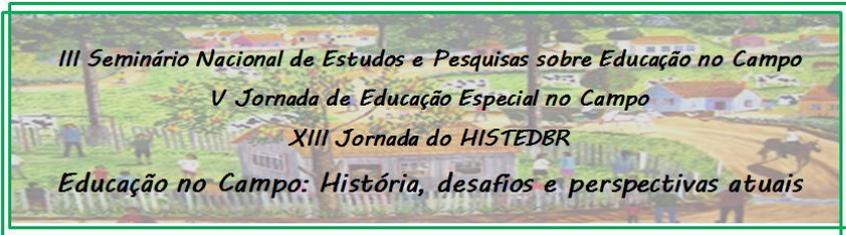


Antes do protesto, os Sem Terrinha confeccionaram cartazes e desenhos para levarem à manifestação. Nas produções das crianças, havia muitos desenhos de casas, árvores e frases pedindo melhores condições de estudo e de vida. “Queremos escola melhor, queremos os nossos direitos, queremos uma vida melhor e queremos a nossa vitória”, dizia um cartaz escrito com letras coloridas (CAPITANI; KITANISHI, 2010).

O MST acredita que as mobilizações são espaços onde se comprova que é possível e necessário desenvolver uma proposta política e pedagógica específica para os acampamentos e assentamentos. Apontam as mobilizações como instrumentos para a participação das crianças, na relação escola e comunidade, porém isso ainda é um grande desafio, visto que a organização das mobilizações decorre principalmente no âmbito do assentamento e acampamento, todavia buscam o envolvimento da escola, pois acreditam no potencial das mobilizações para contribuir com novos enfoques no currículo ampliando espaços de auto-organização nas escolas onde o Movimento atua.

Através das mobilizações, podemos ir eliminando o isolamento das escolas do campo, possibilitando atividades conjuntas com outras escolas, firmando parcerias com Universidades, comprometendo as secretarias de educação com as pautas de reivindicações e planejando sempre, como vamos dar continuidade às lutas de atividades. As mobilizações organizadas educam porque incentivam a planejar, executar e avaliar em conjunto. Ensinam que, para não perder tempo e para fazer história, se faz necessário sistematizar tudo que fizemos, principalmente as lições que tiramos de cada ação. Escrever nossa história cabe a nós, que somos o sujeito da ação, que vivemos este cotidiano, por vezes difícil, e não tanto àqueles que, olhando para nós de longe, irão escrever e analisar nosso modo de agir, de fazer, de nos educar, de nos organizar (MST, 1999a, p. 26).

Para o Movimento as mobilizações organizadas educam e podem ser uma maneira de eliminar o isolamento das escolas do campo, possibilitando atividades conjuntas entre escola e comunidade. A escola corroboraria no processo de organização das mobilizações, como um momento estratégico nesse processo de mobilização dos Sem Terrinha. Observamos que a escola é uma das reivindicações preponderantes dos Sem Terrinha, contudo o espaço escolar não tem se destacado na organização às Mobilizações. Ao longo da caminhada o Movimento criou espaços e organizou ações para os Sem Terrinha vivenciarem momentos educativos de formação política e humana



decorrentes das mobilizações na luta social. “A luta social educa para a capacidade de pressionar as circunstâncias para que fiquem diferentes do que são” (MST, 1999a p.27).

A hegemonia da mídia e a contra hegemonia construída pelo Movimento para os Sem Terrinha

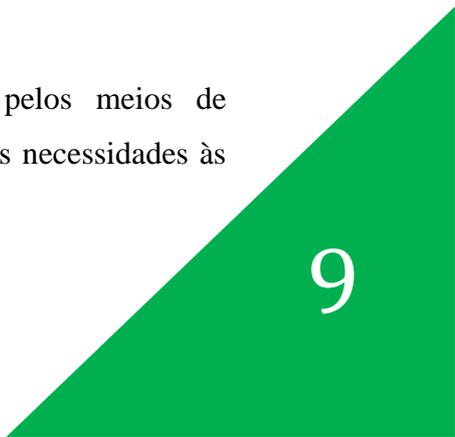
A palavra mídia vem do latim *media* que significa meio. Os meios de comunicação de massa ou mídia avançaram intensamente nos últimos anos e, atualmente estão presentes no cotidiano da maioria das pessoas, possibilitando noticiar com rapidez fatos do mundo inteiro. Se, por um lado, hoje há uma crescente responsabilidade das mídias na formação da opinião das pessoas, por outro lado há a diminuição do senso crítico necessário para avaliar as informações ali veiculadas, pois, aparentemente, a criticidade deixou de ser um elemento importante na formação de opinião e de identidade dos sujeitos nessa concepção de mundo, além disso, os veículos midiáticos podem ser usados como ferramenta de manipulação para alienação do indivíduo.

Nesse sentido, é importante perceber que a ideologia transmitida pelas grandes redes de comunicação é a ideologia dos seus donos. Assim como os meios de comunicação servem, também, para divulgar os valores importantes para os donos do capital como, por exemplo, o *consumismo*, a ideologia dominante cumpre o papel de naturalizar as diferenças entre as classes sociais para manter-se hegemonicamente no poder, conseguindo tornar a miséria e a desigualdade social mais aceitável, naturalizando as condições degradantes do ser humano e divulgando o modelo de sociedade existente como o único possível, pois, no Brasil,

Cerca de 11 famílias controlam a mídia televisiva, detendo também a maior fatia do mercado radiofônico, impresso e possuem ainda grandes portais digitais. São esses meios que falam à sociedade, pautam conversas, agendam governos, mas também silenciam, invisibilizam e criminalizam, sobretudo os movimentos sociais. Por isso, a importância de meios de comunicação alternativos para garantir a pluralidade de opiniões e de visões de mundo e, sobretudo lutar pelo direito a comunicação, enquanto suporte da vida democrática (BARROS, 2013, p.137).

Invariavelmente nos deparamos com valores divulgados pelos meios de comunicação de massa de várias maneiras, na tentativa de criar novas necessidades às

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



nossas vidas, como, por exemplo, a publicidade voltada para o público infantil, onde a propaganda comercial anuncia muitos *novos e indispensáveis* produtos despertando na criança, desde tenra idade, para o consumismo e individualismo. O público infantil, nos últimos tempos, passou a ser visto como consumistas em potencial em detrimento da situação financeira que dizima o orçamento familiar, da alimentação nada saudável, ou, ainda, da criação de uma cultura insustentável; estimulando, apenas, o desejo crescente pelo ter ou pelo ato de comprar, criando um perfil consumista e individualista que contribui, pedagogicamente, para a manutenção da lógica do mercado em uma sociedade do consumo.

Essa lógica de mercado se vale da divulgação publicitária para disseminar a ideia de:

[...] que todas as pessoas estão em igualdade de condições para consumir, ignorando as limitações de um grande número delas para exercer essas ações. Por exemplo, não se leva em conta de que modo influi o fato do pertencimento ou não a um determinado grupo social, etnia ou certa faixa etária.

Uma sociedade consumista, como a promovida pelo mercado, também não é uma sociedade em que surjam com facilidade com ideais de maior justiça social e de maior democratização das instituições sociais. O hiperindividualismo reinante nesses modelos competitivos propicia valorações diferentes das pessoas abastadas e comportamentos como “salve-se quem puder”. As pessoas não entendem as responsabilidades que tem em relação ao bem estar dos demais. Essa mesma lógica de mercado leva as grandes empresas multinacionais se beneficiar com a exploração do trabalho infantil, do trabalho escravo de muitas mulheres do Terceiro Mundo, da impunidade para contaminar ou devastar o meio ambiente, etc. (SANTOMÉ, 2003, p.90; Grifos do autor).

Segundo o autor, a lógica do mercado regula as redes de comunicação de massa, dita as regras da maioria dos programas, noticiários, reportagens, filmes, desenhos, novelas, etc. São permeados pela ideologia dominante². Estas redes de comunicação atuam pedagogicamente criando comportamentos individualistas e competitivos desde a

² Ideologia no pensamento Marxista (materialismo dialético) é um conjunto de proposições elaborado, na sociedade burguesa, com a finalidade de fazer aparentar os interesses da classe dominante com o interesse coletivo, construindo uma hegemonia daquela classe. A manutenção da ordem social requer dessa maneira menor uso da violência. A ideologia torna-se um dos instrumentos da reprodução do status e da própria sociedade.



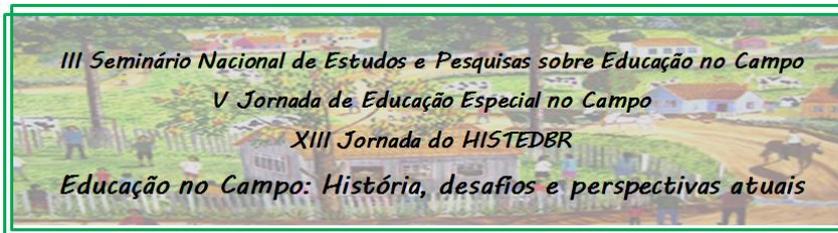
infância. Vemos, cotidianamente, inseridos em programas ou em propagandas comerciais, a divulgação de produtos voltados ao público infantil com imagens de crianças felizes, com todos os direitos garantidos, mas nem todas as crianças pertencem a esta realidade, não levam em conta as crianças desabrigadas, exploradas ou excluídas socialmente, ou ainda, se as crianças pertencem a grupos sociais e etnias diferentes. Na sociedade que segue a lógica do mercado, os valores de solidariedade e justiça não são difundidos.

O projeto do MST, alternativamente, busca valores diferentes da lógica do mercado, valores esses que condizem com a história dos lutadores do povo, como a cooperação e a solidariedade. Busca para os Sem Terrinha, possibilidades de desenvolver o senso crítico, de organização e participação no Movimento, ressaltando que as “[...] crianças necessitam de valores que forme o seu caráter de um jeito diferente daquele que a televisão forma, daquele que as famílias capitalistas formam. As crianças precisam aprender a lutar e a ser firmes na luta” (MST, 1993, p.20).

Na sociedade contemporânea nos deparamos excessivamente com os diversos meios de comunicação de massa, o que acarreta para a mídia um papel cada vez mais preponderante, influenciando os processos de produção e reprodução da cultura e valores sociais. Entretanto, o conhecimento das várias facetas e mazelas sociais, acrescido de senso crítico contribuem para a reflexão sobre o conteúdo e o caráter do que é transmitido nas mídias de massa, compreendendo e selecionando a informação, principalmente quando existe algum interesse corporativo em ocultar ou não revelar todos os fatos de determinada situação, como é o caso do MST, que já sofreu várias acusações não condizentes com os fatos, tais como artigos e reportagens veiculados na Revista VEJA, cujos interesses guardam afinidades com a Rede Globo e divulgam várias matérias apontando os sem-terra como invasores ou baderneiros, como forma de atacar os trabalhadores rurais do Movimento e defender os interesses dos latifundiários, além disso, ocultam os fatos e não demonstram interesse em divulgar a realidade do trabalhador do campo e nem como o Movimento, através do seu projeto, promove a busca e conquista da dignidade para muitas famílias.

Notamos que os Sem Terra e os Sem Terrinha por meio de ações e reflexões vividas no Movimento vão construindo um modo crítico de ler o mundo e, no caso, ler

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



as mídias de massa. Não acreditam na história criada por redes de comunicação que distorcem a imagem do Movimento e de seus integrantes, conforme constatado, por meio de entrevista concedida por ocasião de nossa visita na escola. Questionamos como os Sem Terrinha percebiam e lidavam com a imagem do Movimento mostrada em algumas mídias de massa, ao que o educador relatou que os Sem Terrinha percebem criticamente a mídia distorcendo o projeto e as ações do Movimento e que não veem a mídia mostrando as coisas boas do Movimento, e:

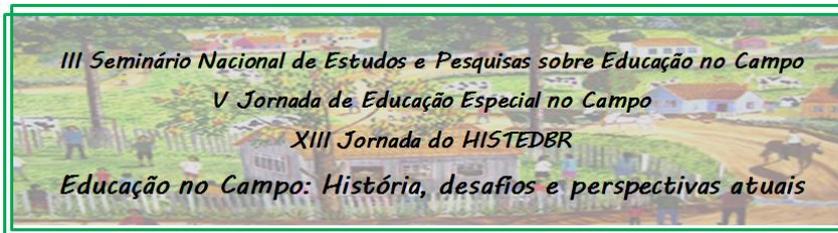
[...] se frustram contra isso, porque, assim, quando a gente faz um trabalho assim e abre espaço, eles falam de tudo, porque a mídia não mostra o que tem de bom, só mostra o que tem de ruim, principalmente a Rede Globo, eles comentam bastante, só falam dos Sem Terrinha quando é coisa ruim, quando é coisa boa não mostra. Falam sem terra é bagunceiro, vagabundo, baderneiro a mídia acaba com a imagem nossa. Aí muitos deles colocavam, (alunos) no ano passado para mim. Nós não somos invasores, nós ocupamos terra que não produzem (Educador A).³

O educador A relata o comentário das crianças sobre o que a emissora Rede Globo transmitiu sobre os Sem Terra. A emissora mostrou apenas o que considerou relevante para seu noticiário, não relatando com imparcialidade os fatos, a luta dos Sem Terra, sem apresentar o projeto do Movimento, pelo contrário, divulgam apenas o que desmerece o papel do Movimento social, uma vez que, conforme ressaltado pelas crianças ao educador, os Sem Terra não são invasores, ocupam terras improdutivas e, os noticiários não informam, também, que os seus supostos donos são indenizados pelo INCRA.⁴

Desse modo, o MST busca, em seu processo de luta, construir alternativas para mostrar a realidade e sua história para a sociedade. Criou, em 1987, o Setor de Comunicação que reúne instrumentos para divulgar, valorizar e fortalecer o projeto do Movimento que utiliza os veículos e mídias disponíveis para divulgar as reflexões e ações dos Sem Terra no Movimento e, ainda, meios de comunicação específicos para o público infantil dos vários assentamentos e acampamentos espalhados pelo Brasil,

³Nesse trabalho todos os entrevistados serão designados por letras. As entrevistas foram realizadas em Querência do Norte, na Escola Camponesa “Chico Mendes”, nos dias 28 e 20 de abril de 2014.

⁴ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.



possibilitando aos Sem Terrinha saber mais sobre história do MST, convidando-os para participarem das publicações e trocarem informações entre si.

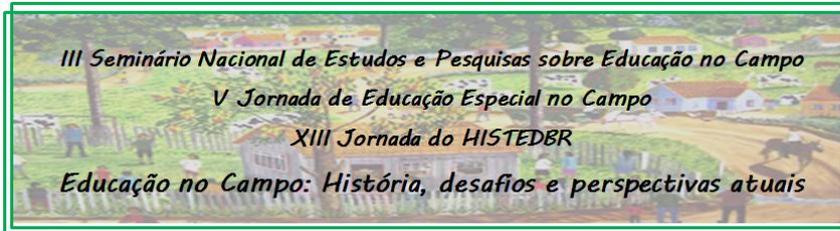
O Setor de Comunicação já contava, em 2014, com publicações em diferentes suportes, tais como livros, vídeos, jornal, revista e a página dos Sem Terrinha, utilizados para a divulgação das contribuições das crianças, como, cartas, poemas, desenhos, entrevistas, etc., e temas que envolvem trabalho, educação, história, mística do Movimento, bem como de atividades lúdicas. De fato, estes instrumentos de comunicação tornaram-se registros das ações do Movimento e, ao mesmo tempo, um documento histórico do processo de luta. Os meios comunicativos do Movimento informam sobre as mobilizações dos Sem Terrinha em Eventos, Encontros, Marchas, e outras manifestações.

Conclusão

Verificamos que os Sem Terrinha se identificam e são identificados pelo nome próprio a partir das mobilizações de Encontros dos Sem Terrinha, criados pelo Movimento para crianças e adolescentes manifestarem-se na luta pela Reforma Agrária e direitos sociais como escola e educação. Assim, o nome *Sem Terrinha* identifica um sujeito próprio e representa um sentimento de pertença e formação política que pode incidir de maneira diferente em cada criança e adolescente, por isso nem todo filho de Sem Terra é Sem Terrinha. Para engajar os Sem Terrinha na luta social, o MST criou um quadro de mobilização com espaços e locais próprios para o público infantil, bem como meios de comunicação eficientes para divulgar o projeto do Movimento e mobilizá-los para a luta. A escola, influenciada pelo Movimento, faz parte do processo de formação política dos educandos que contribui para a identidade dos Sem Terrinha.

O MST criou um espaço de formação política com as crianças, por meio das mobilizações onde apreendem seus direitos e discutem temas subjetivos tanto da vida como da luta e relações de poder. Temas importantes ali debatidos pelas crianças e que são preteridos nos cursos regulares, mesmo em cursos superiores. Destarte, vimos o movimento das crianças e adolescentes dentro do MST como inusitado, ousado e extraordinário, com potencial revolucionário ao realizar o contraditório, diferente de tudo que há na sociedade capitalista em termos de organização de crianças e adolescentes.

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Referências

ARENHART, D.; **Infância, educação e MST quando as crianças ocupam a cena.** Chapecó: Argos, 2007.

BARROS, M. R. de S. **Os Sem terrinha: uma história da luta social no Brasil (1981-2012)**2013. 228 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

CAPITANI R.; KITANISHI H. **Encontro dos Sem Terrinha ficará marcado para mais de quatro mil criança no Paraná.** 18 out. de 2010. Disponível Em: <<http://www.mst.org.br/Encontro-Sem-Terrinha-ficara-marcado-para-4-mil-criancas-do-Parana>>. Acesso em 11 novembro de 2013)

CARDOSO, M.; RAMOS, V. **Sem Terrinhas lutam por escolas do campo,** Disponível em: <http://www.mst.org.br/Sem-Terrinhas-fazem-jornada-por-escolas-do-campo-no-mes-das-criancas%20>. Acesso: 28. out. 2010.

MST. Boletim do militante nº 19. A crise econômica brasileira. In: **Caderno de estudo,** nº 19. Julho de 1993.

_____. Crianças em Movimento: As Mobilizações Infantis no MST. In: **Coleção fazendo escola** nº 2. São Paulo, 1999a.

_____. Como fazemos a escola de educação fundamental. In: **Caderno de educação** nº 9, 1999b.

ROSSETO, E. R. A. **Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação de crianças sem terrinha no MST.** Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas, SP., 2009.

SANTOMÉ, J. T. **A educação em tempos de neoliberalismo.** Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SILVA, M. **Jornada da juventude protagoniza a luta dos jovens pela Reforma Agrária popular.** Da página do MST, 14.ago.2014. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/16571>>. Acesso 22.11.2014.

SOUZA, C. J. de. Redação O Brasil que queremos. In: Else, R. P. (org.) **As Imagens e as Vozes da Despossessão: A Luta pela Terra e a Cultura Emergente do MST: O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra do Brasil.** Disponível em: <<http://www.landless-voices.org/vieira>>. Concurso de desenhos e redações “O Brasil que Queremos”, 1998. Clicar em Composições das crianças. Acesso: 10/09/2014.

III Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo
V Jornada de Educação Especial no Campo
XIII Jornada do HISTEDBR
Educação no Campo: História, desafios e perspectivas atuais



www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015

III Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo
V Jornada de Educação Especial no Campo
XIII Jornada do HISTEDBR
Educação no Campo: História, desafios e perspectivas atuais



www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015